

Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil

Go professional like a girl?: effects of women's football development policies on sports career opportunities in Brazil

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo
Doutorado em Educação Física, UNICAMP
marianazuaneti@gmail.com

Gabriela Borel Delarmelina

Universidade Federal do Espírito Santo
Graduada em Educação Física, UFES

Letícia Carvalho de Souza

Universidade Federal do Espírito Santo
Graduada em Educação Física, UFES

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre as recentes políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite no Brasil. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com 19 atletas sobre suas trajetórias esportivas. Dois marcos desviam tendências nas oportunidades de carreira: a organização, em 2013, do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino e a nova regulamentação da CONMEBOL, em 2019. Tais mudanças oportunizaram a entrada das mulheres nos clubes tradicionais do futebol de homens, diminuindo a incidência de clubes de elite específicos femininos. Além disso, a remuneração em forma de salário, a dedicação exclusiva às competições de futebol de campo e uma diminuição na incidência da existência da dupla carreira no esporte também são tendências que se inverteram na última década. Entretanto, a presença de contratos formais ainda não é prevalente entre as atletas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Profissionalização; Futebol feminino.

ABSTRACT: In this paper, we analysed the relationship between the recent policies for the development of women's football and the opportunities for professionalization of the career of elite athletes in Brazil. For that, we conducted semi-structured interviews with 19 Brazilian female football players about their sports career. Two milestones divert trends in sport career opportunities: the organization of the Brazilian Women's Football Championship, in 2013, and the new regulations of CONMEBOL, in 2019. Such changes resulted in women entering traditional men's football clubs, reducing the incidence of only women clubs. In addition, remuneration in the form of a salary, exclusive dedication to football competitions and a decrease in the incidence of dual career are also trends that have reversed in the last decade. However, the presence of formal contracts is still not prevalent among female athletes.

KEYWORDS: Gender; Professionalization; Women's football.

INTRODUÇÃO¹

Em janeiro de 2011, a então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff recebeu a jogadora Marta, que havia sido indicada pela quinta vez ao título de melhor atleta do ano no mundo. Após o encontro, a jogadora afirmou que a presidenta havia prometido maior atenção ao futebol de mulheres no país.² Nesses anos, o futebol de mulheres no Brasil ainda era caracterizado pela falta de atenção, investimento, reconhecimento, profissionalismo, marcado pela ausência de ações perenes, o que gerava um quadro de instabilidades de “efeito sanfona” de retração e crescimento.³ Essa caracterização constituiu em torno do futebol brasileiro de mulheres “um discurso de ausências”, que destacava suas carências e precariedades, reiterando, na visão de Kessler,⁴ uma noção de “falta de futuro”.

O cenário da segunda década do século XXI no Brasil contrastava com o otimismo vivido em termos globais. O futebol era considerado o esporte que mais crescia entre mulheres no mundo nos últimos anos, devido ao aumento do número de jogadoras, impulsionadas por diversos fatores, como o número de apoiadores da modalidade em nível internacional vem aumentando potencialmente.⁵ A cobertura da mídia, a transmissão de jogos, a popularização da modalidade, bem como o aumento da frequência e quantidade de público nos estádios são, ao mesmo tempo, demonstração e produto de uma mudança estrutural em como o futebol de mulheres tem sido abordado ao redor do mundo.

Desde 1995, o futebol de mulheres ganhou espaço na agenda da Federação Internacional de Futebol (FIFA), quando Joseph Blatter, então presidente da entidade, previu que o futuro do futebol (e da FIFA) eram femininos⁶ – futuro esse que só se concretizaria quando a modalidade se tornasse lucrativa para a entidade.⁷ A Copa do Mundo de 2019, finalmente, materializou esse otimismo, atraindo mais

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da Capes e do Programa Academia e Futebol, da Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor.

² PASSARINHO. Nathalia, Dilma recebe Marta e promete maior ‘atenção’ ao futebol feminino, 2011.

³ KESSLER. *Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*, 2015, p. 58.

⁴ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, p. 62.

⁵ JACOBS. Programme-level determinants of women’s international football performance, 2014.

⁶ PFISTER. *The future of football is female!?*, 2006.

⁷ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

de um milhão de espectadores pelo mundo.⁸ Esse crescimento não se limita apenas ao número de espectadores nos principais eventos da modalidade, mas também se reflete na quantidade de mulheres jogando futebol em nível competitivo, criando um significativo espaço para envolvimento e oportunidades de profissionalização para as atletas do esporte.⁹

Apesar do crescente interesse pelo futebol de mulheres, a profissionalização da modalidade ainda é um desafio. Segundo a Federação Internacional dos Futebolistas Profissionais,¹⁰ mais de 90% das jogadoras refletem sobre deixar o futebol precocemente devido a razões financeiras e de instabilidade de carreira. A média de remuneração mundial das jogadoras que recebem salário é de cerca de US\$ 600 por mês ou menos para quase dois terços delas.¹¹ Além disso, apenas pouco mais da metade das jogadoras têm contrato com clubes, com duração média de um ano, o que ilustra a instabilidade e precariedade do cenário da profissionalização do futebol de mulheres globalmente. Mesmo com o crescimento, a modalidade ainda precisa de melhorias substanciais nas condições de trabalho das jogadoras e na organização do mercado de trabalho.¹²

Como consequência, o futebol de mulheres caracteriza-se pela presença de três tipos de dedicação: amadora, semiprofissional e profissional.¹³ Embora a FIFA não reconheça formalmente esses três status de dedicação, os dados divulgados pela FIFPRO¹⁴ mostram que menos de 25% das jogadoras se identificam como profissionais. Isso significa que mais de 75% das mulheres que se dedicam ao futebol não têm estabilidade financeira para dedicar suas vidas ao esporte. No caso brasileiro não é diferente. Embora a seleção nacional tenha tido excelentes resultados no início dos anos 2000, foi apenas partir de 2019 que ocorreu um maciço investimento de recursos na modalidade, ocasionado, sobretudo, pela regulamentação da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) que

⁸ CULVIN; BOWES. Introduction: women's football in a global, professional era, 2023.

⁹ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023.

¹⁰ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

¹¹ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

¹² FIFPRO. World Players' Union, 2020.

¹³ WILLIAMS. An equality too far? Historical and contemporary perspectives of gender inequality in British and international football, 2006.

¹⁴ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

obrigou os clubes tradicionais do futebol de homens a terem equipes de mulheres para poderem disputar campeonatos continentais.¹⁵ Mesmo com essa mudança recente, o status profissional ainda não era reconhecido para todas as jogadoras da Série A1 do Campeonato Brasileiro de 2021.¹⁶

Além disso, outros tipos de vínculos e remuneração entre clubes e atletas são presentes, como a oferta de bolsas de estudos, contribuindo para a borrar ainda mais a fronteira entre profissionalismo e amadorismo no futebol feminino. Esses tipos de auxílios oferecidos pelo clube, como uma forma de estabelecer um vínculo com as jogadoras, não são remunerados por meio de salário que as permita viver do esporte e colocam as atletas em um processo de conciliação da carreira esportiva com uma segunda carreira acadêmica ou vocacional, conhecido como dupla carreira esportiva.¹⁷ A FIFPRO¹⁸ destaca que 46% das jogadoras conciliam esporte e estudos, enquanto 30% combinam a carreira esportiva com o trabalho. Esses números refletem a falta de estruturação dos clubes, campeonatos e regulamentações que frequentemente obrigam as mulheres que desejam seguir uma carreira no futebol a conciliar o esporte com outra carreira, como forma de sobrevivência ou de planejar um futuro profissional, já que o esporte não oferece essa garantia.

Embora a situação de precariedade e de instabilidade da carreira também afete o futebol de homens,¹⁹ a marginalização do futebol de mulheres vem, muitas vezes, de seus organizadores, que o consideram menos importante, e seus patrocinadores, que o consideram menos atrativo e rentável.²⁰ No caso das mulheres, ainda existem outras inseguranças, como questões de violência e assédio, ausência de direitos vinculados à maternidade e o enfrentamento cotidiano aos estereótipos de gênero, que ocasionam discriminações das mais diversas.²¹

¹⁵ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul, 2020.

¹⁶ BRASIL DE FATO. CBF cobra mais direitos para atletas do futebol feminino, 2020.

¹⁷ RYBA et al. Dual career pathways of transnational athletes, 2014.

¹⁸ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

¹⁹ CULVIN. Football as work: the lived realities of professional women footballers in England, 2021.

²⁰ CULVIN; BOWES. Introduction.

²¹ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

Consequentemente, as mulheres tendem a preferir a condição de dupla carreira em maior proporção do que os homens, devido à falta de vínculo e perspectiva de profissionalização. Isso ocorre porque a instabilidade na carreira é atravessada pelas relações de gênero, uma vez que o futebol ainda não é considerado uma oportunidade de carreira sólida e promissora para as mulheres. Entendemos por gênero a forma como significamos culturalmente as diferenças entre ser homem e ser mulher, e como essas diferenças são produzidas e significadas relacionalmente, através de dinâmicas de poder que conferem hierarquias e desigualdades. Isso também envolve dinâmicas de resistência e transgressão.²²

Esse contraste entre o cenário de otimismo e de crescimento do futebol de mulheres e os dilemas para o desenvolvimento de condições profissionais para a carreira esportiva, bem como seus atravessamentos de gênero, nos faz questionar como algumas políticas de desenvolvimento da modalidade têm tido efeitos (diretos ou indiretos; intencionais ou não intencionais) para as jogadoras que investem em uma carreira no futebol de elite? Buscando compreender como esse cenário se desenvolve no Brasil, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre as políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres no país e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite da modalidade. Com isso, evidenciaremos os efeitos dessas políticas, medidas e regulamentos nas oportunidades de carreira para as mulheres no futebol no país.

Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com 19 atletas atuantes na elite do futebol brasileiro, organizando a partir dos dados linhas do tempo com suas trajetórias esportivas. Tais linhas do tempo foram agregadas, a fim de evidenciar as mudanças ocorridas ao longo dos anos em que essas atletas se dedicaram ao futebol em nível adulto. O resultado foi apresentado em gráficos. O artigo está dividido em cinco seções. Após essa primeira seção, apresentamos um balanço da literatura sobre as mudanças e políticas recentes que têm impulsionado o futebol de mulheres tanto globalmente quanto nacionalmente, demonstrando a forma pela qual a profissionalização do futebol de mulheres ganhou contornos particulares. Em seguida, na terceira seção, descrevemos o percurso metodológico

²² SCOTT. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, 1995.

utilizado na pesquisa. Na quarta seção, apresentamos os resultados obtidos e as interpretações desses dados em diálogo com a literatura recente, para, por fim, esboçarmos nossas conclusões sobre dois marcos que mudam as trajetórias de carreira das atletas: a organização do campeonato brasileiro, a partir de 2013, de forma mais tímida e, a partir de 2019, a nova regulamentação da CONMEBOL.

AS POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES

No século XXI, entidades promotoras do futebol em âmbito global passaram a dedicar mais atenção às políticas de desenvolvimento das mulheres nesse esporte.²³ Essas políticas foram necessárias para compensar os efeitos dos anos de proibição do futebol para mulheres, que aconteceu ao redor do mundo. As consequências da proibição não se restringiram apenas a limitar a participação das mulheres no esporte, mas também resultaram na marginalização cultural e econômica da modalidade.²⁴

As iniciativas documentadas para desenvolvimento do futebol de mulheres se iniciam a partir de 2004, quando a FIFA colocou a modalidade como um pilar fundamental para o futebol, se comprometendo a pensar planos para induzir e aumentar as oportunidades para as mulheres no esporte.²⁵ A FIFA apresentou também, em 2012, ações para que as federações afiliadas organizassem, desenvolvessem e promovessem o futebol de mulheres, em especial com o intuito de prestar aporte financeiro para jogadoras, treinadoras, árbitras e assistentes oportunidades de participarem mais ativamente do futebol.²⁶ Com isso, os objetivos da FIFA consistiam em: aperfeiçoar a infraestrutura do futebol feminino nas confederações e federações afiliadas; aumentar o número de mulheres e meninas nas categorias de base, nas escolas e nas equipes, sejam elas amadoras ou profissionais e criar um calendário coordenado dos jogos das seleções femininas.²⁷

²³ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023.

²⁴ WILLIAMS. An equality too far?.

²⁵ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

²⁶ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade*, 2013, p. 156.

²⁷ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

A primeira confederação que se comprometeu a colocar em ação um plano de desenvolvimento da modalidade foi a UEFA, que tem, desde 2010, sistematicamente avaliado o desenvolvimento dos futebol de mulheres e tem traçado planos de desenvolvimento visando fomentar, incrementar e contribuir para que haja uma participação mais democráticas das mulheres nessa modalidade, seja como atletas, ou como lideranças.²⁸

Em contraposição, apenas em 2016 a CONMEBOL teve sua atuação mais incisiva no futebol de mulheres. A principal ação da entidade se fez a partir da mudança da Regra de Licenciamento dos clubes, que vigorou a partir de 2019, implicando que os clubes sul-americanos precisam ter equipes femininas ativas para disputar as competições continentais entre homens.²⁹

Em âmbito nacional, é interessante salientar algumas iniciativas anteriores à normativa da CONMEBOL. Após a Copa do Mundo FIFA de futebol da Alemanha (2011), a ex-jogadora Michael Jackson foi nomeada pelo Ministro do Esporte Aldo Rebelo, como Coordenadora-geral de Futebol Feminino na Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Consumidor do Ministério do Esporte.³⁰ Em 2012, o então ministro Aldo Rebelo criou um grupo de trabalho, que teve participação de pessoas ligadas ao futebol de mulheres, que buscava construir um diagnóstico e apontar soluções para melhorar o futebol no país.³¹ Ademais, em parceria com a CONMEBOL, o Ministério apoiou a realização, de 2012 a 2014, de três Copas Libertadores da América de futebol de mulheres no Brasil, em 2012, em Pernambuco; em 2013 em Foz do Iguaçu-PR; e 2014 em São José dos Campos.³² Estas duas últimas edições contaram, cada uma, com o investimento de R\$ 600 mil do Ministério do Esporte.

Outra competição também organizada pelo Ministério do Esporte foi o Campeonato Brasileiro Feminino, retomado após 11 anos de interrupção, por meio de um patrocínio de R\$ 10 milhões da Caixa Econômica Federal. Em 2013, o "Brasileirão Feminino CAIXA" foi organizado pela CBF e contou com a participação das 20

²⁸ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

²⁹ BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

³⁰ KESSLER. *Mais que barbies e ogas*.

³¹ BRAIS. Ministério do Esporte cria grupo de trabalho para debater futebol feminino no Brasil, 2012.

³² BORGES. Libertadores, Brasileirão e Copa Brasil Sub-17 movimentam o futebol feminino, 2013.

melhores equipes do ranking nacional de clubes.³³ As equipes foram divididas em cinco grupos regionalizados, com quatro equipes em cada grupo, o que facilitava o deslocamento para jogo entre elas. Cada equipe jogou quatro partidas dentro do próprio grupo e as duas melhores equipes de cada grupo avançaram para a próxima fase. Esse formato apresentava a mesma consequência negativa da Copa do Brasil de Futebol Feminino, competição existente desde 2007. Na maioria das vezes, as equipes disputam apenas quatro jogos na competição e são eliminadas, não tendo um calendário contínuo ao longo do ano. Isso resulta na dissolução das equipes ou na disputa de campeonatos amadores e outras modalidades, como o futsal.³⁴

Como resultado, até a vigência da nova regulamentação da CONMEBOL, o cenário do futebol de mulheres no Brasil se configurava pela interiorização dos clubes.³⁵ Até 2017, os cinco primeiros clubes do ranking nacional da CBF eram do interior: São José (São José dos Campos/SP); Vitória da Tabocas (Vitória de Santo Antão/PE); São Francisco (São Francisco do Conde/BA); Foz Cataratas (Foz do Iguaçu/PR) e Ferroviária (Araraquara/SP). O cenário da nova regulamentação da CONMEBOL ocasionou uma mudança, com a entrada dos clubes tradicionais do futebol de homens.

Com isso, há uma tendência do futebol de mulheres em se profissionalizar de forma diferente do que aconteceu com o de homens.³⁶ Ao contrário de um processo de popularização seguido de espetacularização, a profissionalização do futebol de mulheres se deu já buscando a integração à matriz espetacularizada do futebol.³⁷

A matriz espetacularizada do futebol é aquela que ocorre em estádios, com profissionais remunerados e altamente treinados, com visibilidade local e midiática, direcionado principalmente para o consumo dos torcedores.³⁸ Dadas as particularidades do futebol de mulheres, a integração a essa matriz ocorre de forma problemática, já que muitas vezes os jogos acontecem em estádios precários, sem público e, até pouco tempo atrás, sem torcida ou cobertura midiática.³⁹

³³ BORGES. Libertadores, Brasileirão e Copa Brasil Sub-17 movimentam o futebol feminino.

³⁴ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

³⁵ ALMEIDA. *Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras*, 2018.

³⁶ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023.

³⁷ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

³⁸ DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, 2005.

³⁹ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

Como resultado, temos uma situação paradoxal. Por um lado, a profissionalização do futebol de mulheres foi fruto das pressões políticas dos movimentos feministas por igualdade em todos os campos sociais, que adentram também a esfera esportiva. Por outro lado, sua legitimação é restringida pelos discursos e interpelações de gênero que marginalizaram a prática por décadas.⁴⁰ Observar as consequências particulares desse paradoxo para o processo de profissionalização da carreira das atletas no futebol brasileiro é o nosso objeto a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para identificar a forma pela qual as mudanças no futebol brasileiro de mulheres tiveram efeito nas trajetórias das atletas e nas oportunidades de profissionalização, realizamos entrevistas semiestruturadas com jogadoras de clubes provenientes das distintas regiões do Brasil que disputam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, a fim de registrar o desenvolvimento da carreira das mesmas. Em 2022, o campeonato estava organizado em três divisões principais (A1, A2 e A3). A divisão A1 e A2 são compostas por 16 times em cada, enquanto a divisão A3 é composta por 32 clubes. Para composição das participantes da pesquisa, estabelecemos critérios de inclusão que envolvem: (1) atuação nos clubes que participam do atual Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino série A1 em 2021 e 2022; (2) experiência de pelo menos três anos na competição, o que indica uma vivência relevante na mesma; (3) estar em processo de desenvolvimento de carreira esportiva no futebol por pelo menos cinco anos, possibilitando a análise de diferentes estágios de carreira; e (4) ter idade entre 18 e 40 anos. Como critério de exclusão, foi considerado o desinteresse de participação após três contatos realizados. Buscamos as atletas por contatos informais, de clubes das cinco regiões e por indicações de entrevistadas anteriores. No total, foram entrevistadas 19 atletas, sendo que cinco delas são de clubes do Centro-Oeste, duas da região Norte, quatro da região Sul e oito da região Sudeste.

⁴⁰ CULVIN; BOWES. Introduction, 2023. SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

O Quadro 1 apresenta as entrevistadas, destacando a idade, ano de transição para a categoria adulta e região do clube atual.⁴¹

Idade/atleta	Região	Ano de transição	Idade (em 2023)
1	Norte	2013	30
2	Norte	2014	29
3	Centro-oeste	2018	25
4	Centro-oeste	2011	30
5	Centro-oeste	2010	28
6	Centro-oeste	2010	30
7	Centro-oeste	2011	25
8	Sul	2008	32
9	Sul	2015	24
10	Sul	2016	24
11	Sul	2016	27
12	Sudeste	2018	24
13	Sudeste	2014	28
14	Sudeste	2016	23
15	Sudeste	2016	28
16	Sudeste	2015	29
17	Sudeste	2017	22
18	Sudeste	2020	20
19	Sudeste	2011	28

Quadro 1 - Participantes da pesquisa. Fonte: elaboração própria.

O Gráfico 1 especifica a quantidade de atletas que compõem o universo de cada ano das linhas do tempo. Ou seja, a cada ano, contabilizamos apenas aquelas atletas que já estavam se dedicando às competições adultas. Por exemplo, os dados referentes ao ano de 2010 são de apenas três atletas. Já em 2015, os dados são agregados das 11 atletas que já disputavam competições adultas naquele ano. Por fim, em 2020, todas as participantes da pesquisa já disputavam competições adultas e, portanto, faziam parte do agregado analisado. Para apresentação dos resultados, consideramos do ano de 2010 em diante, que agrega mais de uma atleta e é anterior a algumas das mudanças registradas na literatura, como a estruturação do campeonato brasileiro, bem contextualizado em pesquisas anteriores.⁴²

⁴¹ Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob CAAE: 34357120.1.0000.5542.

⁴² ALMEIDA. *Do sonho ao possível*. KESSLER. *Mais que barbies e ostras*. SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

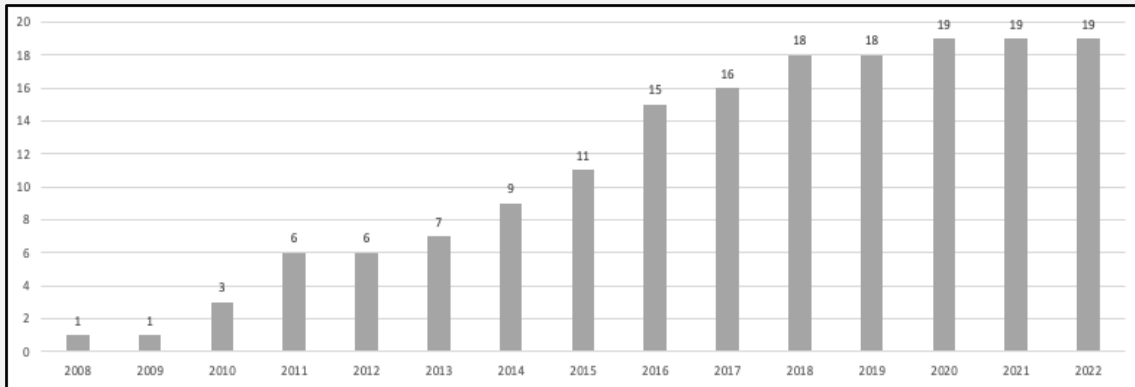


Gráfico 1 - Frequência absoluta de atletas participantes da pesquisa que já haviam realizado a transição júnior para sênior por ano. Fonte: elaboração própria.

O protocolo para realização das entrevistas foi uma adaptação do instrumento de Côté e colaboradores,⁴³ que busca conhecer ano a ano o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta, com profundidade. O propósito foi evidenciar detalhadamente em qual idade foi alcançado o alto nível, compreendendo como esse desempenho muda ao longo do seu desenvolvimento, considerando os grandes eventos da vida da entrevistada e objetivo da mesma. Para esse manuscrito, utilizamos os dados das atletas provenientes dos anos de dedicação às competições adultas. Estes dados foram sistematizados, nesse manuscrito, no formato de uma linha do tempo para cada atleta. Essas linhas do tempo contemplavam informações, ano a ano, 1) sobre clubes que elas atuavam; 2) dedicação apenas a competições de futebol ou se havia conciliação com o futsal; 3) dados sobre dupla carreira; 4) início de ocorrência de vínculos empregatícios e recebimento de auxílios; 5) lesões; conquistas e 6) convocação para a seleção.

Para uma melhor organização das informações, as linhas do tempo das atletas foram agregadas e organizadas por ano. Por isso, para cada ano sistematizamos as informações de todas as atletas que já disputavam competições adultas sobre aquele indicador avaliado. A partir dessa visão geral das trajetórias de carreira das atletas, pudemos observar tanto os efeitos diretos quanto indiretos das mudanças que ocorrem no futebol de mulheres no país. Com base nessas informações, foi possível criar uma linha do tempo que destaca as mudanças nas

⁴³ CÔTÉ; ERICSSON; LAW. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information, 2005.

trajetórias de carreira e as compara com algumas iniciativas e marcos do processo de desenvolvimento da modalidade.

É relevante salientar que, embora as entrevistas tenham sido fundamentais e complementares, os dados analisados são exclusivamente das linhas do tempo elaboradas. Para melhor organização dos resultados, essas informações serão apresentadas em forma de gráficos. Foram elaborados cinco gráficos que representam indicadores das variáveis que ilustram os efeitos das mudanças recentes no futebol nacional, correspondentes aos marcos das carreiras das atletas.

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA NO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

Para observar os efeitos das mudanças nas políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres na carreira das atletas, buscamos sistematizar indicadores que informassem o impacto nas seguintes variáveis: (1) condições estruturais dos clubes; (2) as condições de trabalho na modalidade e (3) as condições esportivas para o desenvolvimento na modalidade.

Variável 1: Condições estruturais dos clubes

Para explorar a presente variável utilizamos como indicador “a atuação em um clube tradicional do futebol brasileiro”. No futebol de mulheres, esses clubes são chamados de "clubes de camisa".

O Gráfico 2 ilustra a presença das atletas nesses diferentes tipos de equipes. É importante destacar que na edição do Campeonato Brasileiro de 2013 que contemplava apenas equipes classificadas no Ranking Nacional de Clubes, as atletas atuavam, basicamente, nas equipes tradicionais femininas. Em 2014, em vez de selecionar as 20 melhores equipes do ranking de clubes da CBF referente a 2013, foram selecionadas as oito equipes do ranking mais a campeã da Copa do Brasil de 2014. Já as outras 11 equipes que foram convidadas eram as melhores equipes do Brasileirão Masculino de 2013. Dessas, oito equipes aderiram; e as demais vagas foram preenchidas por seus sucessores.⁴⁴ Essa mudança produziu efeitos e nossos

⁴⁴ BARLEM. Corinthians anuncia fim da parceria com Audax e terá time feminino próprio em 2018, 2017.

resultados os ilustram, demonstrando um aumento da proporção das atletas que já estavam presentes nas equipes dos "clubes de camisa" do futebol de homens. No entanto, esse efeito ainda não tomava conta da maioria das atletas, o que vai se consolidar apenas a partir de 2019, quando o novo regulamento de licenciamento de clubes da CONMEBOL entra em vigor. Uma possível razão para que em 2015 esse efeito começasse a acontecer, mas ainda timidamente, seriam as parcerias dos "clubes de camisa" com projetos tradicionais de futebol de mulheres que já existiam, o que dificulta uma ação de continuidade. Por exemplo, a parceria entre o Corinthians e a equipe do Audax que se findou assim que a CONMEBOL mudou seu regulamento e as alvinegras decidiram ter um plantel próprio.⁴⁵

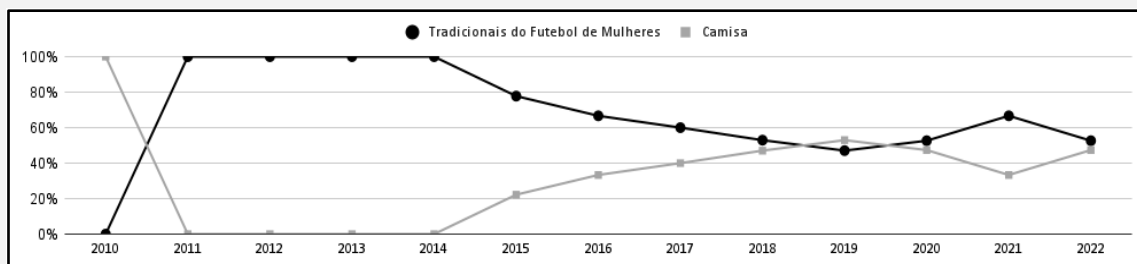


Gráfico 2 - Participação das atletas em clubes "de camisa" ou equipes tradicionais do futebol de mulheres. Fonte: elaboração própria.

A entrada dos "clubes de camisa" indicariam melhores condições de dedicação ao treinamento, ainda que não necessariamente, uma vez que existem há muitas décadas, possuem patrimônios físicos e clubes sociais à disposição, além de já estarem integrado à matriz espetacularizada, portanto, participando de competições, tendo acesso a patrocínios e possuindo torcidas organizadas e vínculos afetivos com torcedores.⁴⁶ Por essa razão, supomos que a equipe de mulheres desses clubes herdaria algumas dessas condições. Por outro lado, as equipes tradicionais do futebol de mulheres teriam uma menor estrutura física e financeira à disposição das atletas, já que, em sua maioria, foram fundadas no século XXI e dependem de subsídios da prefeitura para continuarem com seus projetos, tendo, como consequência, dificuldade em manter-se ao longo do tempo.⁴⁷ Como exemplo desse aspecto, Kessler

⁴⁵ BARLEM. Corinthians anuncia fim da parceria com Audax e terá time feminino [...].

⁴⁶ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

⁴⁷ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

aponta que, na edição de 2013 do Campeonato Brasileiro, por terem trocado seus nomes, nenhuma equipe gaúcha participou da competição, uma vez que a classificação teve como base o ranking das edições anteriores da Copa do Brasil.⁴⁸

Esse formato do campeonato de 2014, como meio de impulsionar os clubes de camisa a terem equipes de mulheres, foi visto com bastante ceticismo à época.⁴⁹ Tal desconfiança é confirmada pela não prevalência de vínculo das atletas entrevistadas nesses clubes, apontada no Gráfico 2. Embora medidas como a lei do PROFUT, que vinculava a renegociação de dívidas dos clubes com o estado à existência de departamentos femininos, também pudesse contribuir para a criação dessas equipes femininas dentro das tradicionais, ponto de inversão no gráfico ocorre apenas em 2018, às vésperas tornar tal aspecto obrigatório pela CONMEBOL.

A profissionalização do futebol de mulheres tem sido, em parte, ancorada no futebol de homens. Embora esse relacionamento tenha contribuído para o rápido crescimento e reconhecimento da modalidade das mulheres, atualmente, esse vínculo também gera contrapartidas para o clube como um todo. O Corinthians é um exemplo, pois seu lema #respeitaasminas não se limita ao plantel das mulheres. Esse lema articula as políticas de desenvolvimento da modalidade com uma perspectiva feminista plural e descentralizada, que visa discutir a igualdade em diversas áreas sociais.⁵⁰

Por um lado, a entrada do campo discursivo feminista no futebol e nos clubes tradicionais de homens é um desenvolvimento interessante. Afinal, o futebol é um campo extremamente generificado, que produz e reproduz uma densidade de representações de masculinidade, tornando-se resistente à entrada das mulheres, especialmente em cargos de liderança e de tomada de decisão.⁵¹ Por outro lado, embora os discursos feministas estejam cada vez mais presentes no futebol, a dependência das equipes de mulheres em relação aos clubes tradicionais de homens pode perpetuar hierarquias e dificultar a sustentabilidade dessas equipes. Um exemplo disso são os clubes brasileiros que, quando sofrem rebaixamento nas

⁴⁸ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

⁴⁹ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*.

⁵⁰ ALVAREZ. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista, 2014, p. 13-56.

⁵¹ BRYAN; POPE; RANKIN-WRIGHT. On the periphery: examining women's exclusion from core leadership roles in the "extremely gendered" organization of men's club football in England, 2021.

competições masculinas, acabam por desfazer as equipes femininas.⁵²

Variável 2: As condições de trabalho na modalidade

Em segundo lugar, para verificar a forma pela qual as mudanças produziram efeitos concretos sobre as condições de trabalho na modalidade, observamos três indicadores: (1) remuneração, (2) existência de contratos e (3) dedicação exclusiva ao esporte.

A presença de remunerações diversas, para além do salário ou até mesmo substituindo salário, era condição prevalente no futebol de mulheres no início da segunda década do século XXI e caracterizava uma relação de emprego disfarçada.⁵³ De alguma forma, nossos resultados indicam que é após a existência do Campeonato Brasileiro, em 2013, que a presença de remuneração em forma de salário ultrapassa as remunerações de auxílios, como é possível visualizar no Gráfico 3. Além disso, nossos resultados indicam que, em 2019, 100% das atletas já recebiam remuneração salarial para se dedicar ao futebol, embora esse dado por si só não ateste a dedicação exclusiva ao esporte ou a presença da profissionalização.

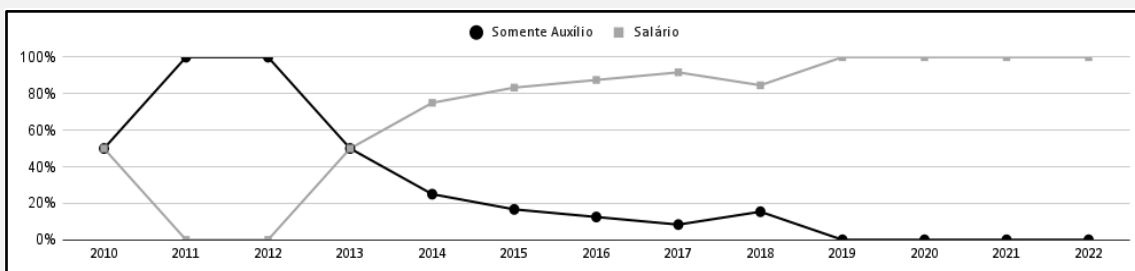


Gráfico 3 - Forma de remuneração das atletas, por ano. Fonte: elaboração própria.

A questão da forma como se dá o vínculo das atletas com o clube também é um dos indicadores da instabilidade para a dedicação à carreira esportiva no futebol, embora não seja um impeditivo de sua profissionalização. Dados da FIFPro⁵⁴ demonstram que mais da metade das atletas entrevistadas pelo mundo não têm nenhum vínculo empregatício ou contratual com o clube, além de não dispor de

⁵² GOMES. Bahia suspende futebol feminino até abril e dispensa jogadoras: “Estamos acabadas”, relata atleta, 2021.

⁵³ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres*, 2013.

⁵⁴ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

direitos trabalhistas. Isso pode implicar diretamente na longevidade da carreira que, segundo a associação, independente do status percebido pelas jogadoras, elas são igualmente cobradas pelo desempenho nos clubes.⁵⁵ A partir da internacionalização do mercado de pés-de-obra no futebol de mulheres, a partir da entrada das mulheres no Transfer Matching System (TMS) da FIFA, em 2018, que prevê o monitoramento das movimentações internacionais de transferências de mulheres, se torna patente a formalização dos vínculos entre atletas e clubes e a regulamentação do trabalho e a proteção de direitos daquelas que trabalham com o futebol.

No caso brasileiro, nossos resultados indicam que esse cenário se completa com a nova regulamentação da CONMEBOL e a entrada dos "clubes de camisa", de modo que a existência contrato empregatício formal começa a se inverter após 2018, numa proporção, todavia, menos acelerada que a presença de salários, como é possível visualizar no Gráfico 4.

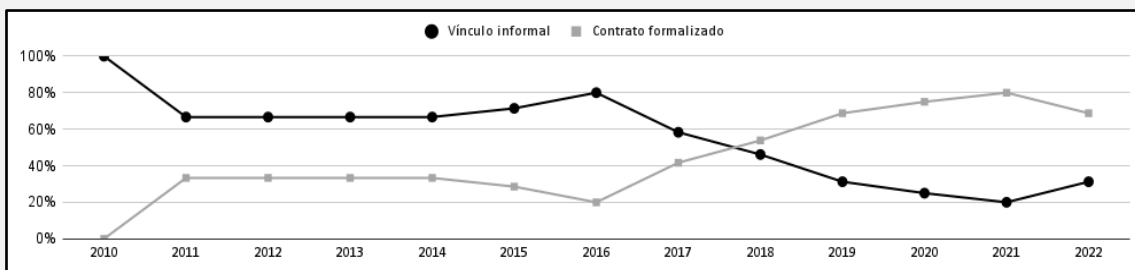


Gráfico 4 - Tipo de vínculo das atletas com os clubes. Fonte: elaboração própria.

O status de profissional, portanto, no futebol, foi ao longo da última década um ethos mais do que um contrato formalizado.⁵⁶ No entanto, ter uma remuneração salarial que permita à atleta se dedicar ao esporte é condição necessária para que ela saia da condição de amadora, embora não seja suficiente para torná-la profissional. Para considerá-la profissional, a despeito de contrato, seria necessário, ao menos, a possibilidade de se dedicar exclusivamente ao esporte.⁵⁷

Para verificar essa situação, observamos os dados agregados de dupla carreira na linha do tempo das atletas. A condição da dupla carreira, isto é, dedicação

⁵⁵ FIFPRO. World Players' Union, 2017.

⁵⁶ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, 2015.

⁵⁷ CULVIN; BOWES. Introduction.

combinada ao esporte e aos estudos ou trabalho caracterizava a dedicação da maioria das atletas até 2019, como visualizamos no Gráfico 5. Nossos resultados indicam que apenas após 2019, a proporção de atletas em situação de dupla carreira começa a cair, embora ainda não tenha desaparecido em 2022.

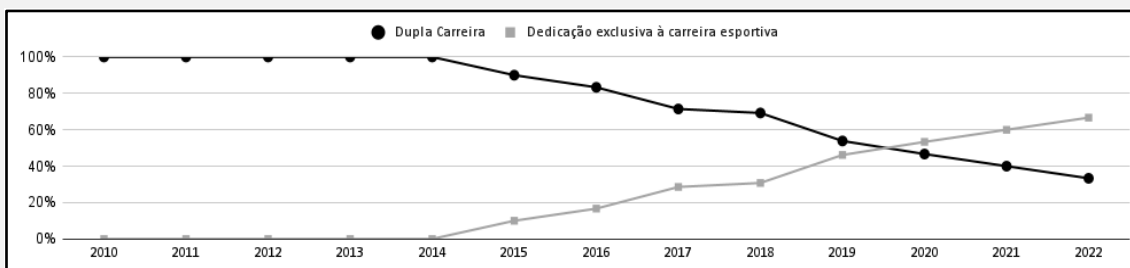


Gráfico 5 - Presença da Dupla Carreira entre as atletas. Fonte: elaboração própria.

A conciliação do esporte com os estudos ou trabalho, isto é, a dupla carreira pode afetar a dedicação profissional para a modalidade, porque limita a quantidade de horas as jogadoras podem se dedicar ao esporte,⁵⁸ além de restringir o trabalho ao tempo livre.⁵⁹ Se por um lado uma dupla carreira acadêmica pode contribuir para minimizar a dificuldade de reconversão após o final da breve carreira esportiva,⁶⁰ ela também pode criar uma dependência da bolsa de estudos para estabelecer vínculo com a atleta. Esse pode ser um caminho que a afasta do futebol pela dedicação à educação, uma vez que, findado os estudos, a carreira esportiva passa a não ser sustentável. Essa situação, por exemplo, estava presente no futsal de mulheres paulistas, cuja maioria das atletas cursava ensino superior recebendo bolsa de estudos dos clubes e abandonava o esporte após o término da faculdade.⁶¹

Além disso, Grygowicz e colaboradores⁶² apontam que o valor recebido de bolsas de estudos não era suficiente para mulheres jogadoras se sustentar, de modo que outro emprego ou auxílio era necessário para que as atletas arcarem com seus

⁵⁸ CULVIN. Football as work.

⁵⁹ BRANDT-HANSEN; OTTESEN. Caught between passion for the game and the need for education: a study of elite-level female football players in Denmark, 2019.

⁶⁰ DAMO. *Do dom à profissão*, 2005.

⁶¹ SOUZA; MARTINS. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira, 2018.

⁶² GRYGOROWICZ et al. Thirty percent of female footballers terminate their careers due to injury: a retrospective study among polish former players, 2017.

custos de vida.⁶³ De acordo com Harisson e colaboradores,⁶⁴ essa necessidade toma lugar do sonho de jogar futebol integralmente. Isso porque o estabelecimento de uma dupla carreira conciliando esporte com o trabalho implicava em a atleta, eventualmente, fazer uma transição de volta para o nível amador.⁶⁵ Ou seja, no caso analisado pelos autores, as dificuldades para conciliação da dupla carreira parecem ter sido enfatizadas na medida em que o futebol de mulheres vai ordenando seu calendário competitivo ao longo do ano, demandando das atletas viagem para competir e se dedicarem com mais afinco ao treinamento do esporte.

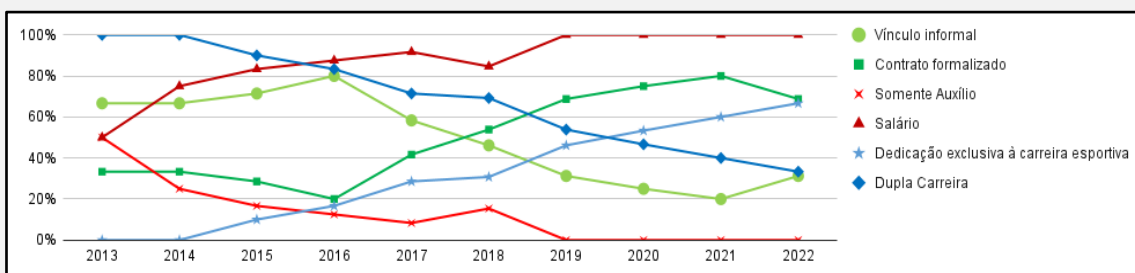


Gráfico 6 - Inversão nas tendências das condições de trabalho oferecidas às atletas.
Fonte: elaboração própria.

Observando os três indicadores de condição de dedicação profissional ao esporte, nossos resultados indicam que os anos de 2018 e 2019 são marcos de inversão de tendência, em direção à consolidação de um status de dedicação mais próximo ao profissional. No Gráfico 6, a combinação entre os três indicadores nos mostra que, a partir de 2019, já não há atletas que recebem auxílio, além de poucas que possuem apenas vínculo informal e se inverte a tendência de dedicação à dupla carreira, em favor de uma dedicação exclusiva ao esporte. Dos três indicadores analisados, nossos resultados indicam que a remuneração em forma de salários foi o que mais se acentuou, sendo que contratos e a dupla carreira ainda estão em processo de mudança. Isso pode indicar alguns desafios para a integração do futebol de mulheres ao mercado de pés-de-obra, isto é, à circulação da mão-de-obra

⁶³ ANDERSSON; BARKER-RUCHTI. Career paths of Swedish top-level women soccer players, 2019. BRANDT-HANSEN; OTTESEN. Caught between passion for the game and the need for education; HARRISON et al. Elite female soccer players' dual career plans and the demands they encounter, 2020.

⁶⁴ HARRISON et al. Elite female soccer players' dual career plans and [...].

⁶⁵ HARRISON et al. Elite female soccer players' dual career plans and [...].

específica do futebol que, além de força de trabalho, também é fonte de renda para os clubes, em especial no processo de produção de futebolistas.⁶⁶

Variável 3: Condições esportivas para o desenvolvimento na modalidade

Para verificar o tipo de treinamento que as atletas são submetidas, utilizamos como indicador “a dedicação exclusiva a competições de futebol”. Isso porque era comum no início do século XXI a combinação dos treinamentos e das competições de futebol e futsal no nível adulto para as jogadoras. No caso do futsal paulista, por exemplo, Souza e Martins apontam que 21% das atletas se dedicavam às duas modalidades esportivas,⁶⁷ o que podia "significar aos clubes uma economia em relação à contratação, ao salário e aos benefícios concedidos às jogadoras, pois não precisam contratar atletas para as duas modalidades".

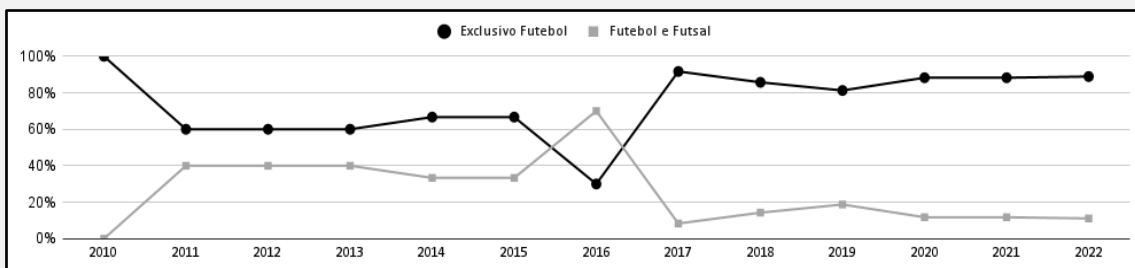


Gráfico 7 - Participação em competições exclusivas de futebol de campo.
Fonte: elaboração própria.

No que se refere a esse indicador, o Gráfico 7 demonstra que a demanda para uma dedicação exclusiva das atletas ao futebol de campo já se apresentam em 2013, a partir da organização do Campeonato Brasileiro de Futebol, mas é apenas em 2017 que as tendências se invertem e que a combinação de dedicação ao futsal se torna praticamente nula. As consequências dessa combinação podem ser perversas, de acordo com pesquisas anteriores. Segundo Souza e Martins,⁶⁸ as demandas fisiológicas e as competências tático-técnicas são distintas entre as duas

⁶⁶ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 15.

⁶⁷ SOUZA; MARTINS. *O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil*, p. 35.

⁶⁸ SOUZA; MARTINS. *O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil*

modalidades, o que pode bloquear a jogadora, do nível adulto, de atingir a excelência em um dos esportes. Por fim, o desenvolvimento da performance esportiva das atletas dependem de um conjunto de elementos, dentre eles as tecnologias de preparação/treinamento para os jogos, ajustadas a partir das demandas do clube, que podem se tornar ambíguas no caso da dupla dedicação aos dois esportes.⁶⁹

PALAVRAS FINAIS: QUAL PROFISSIONALIZAÇÃO AS JOGADORAS DE FUTEBOL TEM ALCANÇADO NO BRASIL?

Este estudo teve como objetivo analisar as mudanças no futebol de mulheres brasileiro e seu impacto nas trajetórias e oportunidades de profissionalização das atletas. Embora a amostra obtida neste estudo não seja representativa, ela oferece uma ilustração das mudanças em andamento e de seus efeitos sobre jogadoras, que há mais de uma década vêm investindo na carreira dentro do futebol de campo.

Ao observar a mudança de tendências nas condições de profissionalização das atletas ao futebol de campo no Brasil, podemos identificar alguns marcos significativos. Primeiramente, em 2013, ocorreu a organização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino com abrangência nacional. Em segundo lugar, a nova regulamentação da CONMEBOL, que entrou em vigor em 2019. A partir desses eventos, podemos dividir o futebol feminino brasileiro em três períodos: o primeiro antes da organização do Campeonato Brasileiro (2013); o segundo, entre 2014 e 2017, com o início da participação de equipes tradicionais de futebol de homens no "Brasileirão Feminino CAIXA"; e o terceiro após a vigência da nova regulamentação da CONMEBOL, que exigiu que os clubes de homens também organizassem equipes femininas.

Em termos específicos tais mudanças oportunizaram a entrada das mulheres nos clubes tradicionais do futebol brasileiro, diminuindo a incidência de clubes de elite específicos femininos. Além disso, a remuneração em forma de salário, a dedicação exclusiva às competições de futebol de campo e uma diminuição na incidência da existência da dupla carreira no esporte também são tendências que se inverteram na última década. A presença de contratos ainda não é prevalente entre as atletas, de modo que a integração das mesmas ao mercado de pés-de-obra tem

⁶⁹ SOUZA; MARTINS. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil, p. 14.

comprometido as garantias e alguns direitos. Todos esses fatores indicam que há um processo de profissionalização em curso no futebol de mulheres brasileiro, mas ainda não é possível afirmar que esse status já estivesse garantido em 2022.

Por fim, o fato de as linhas do tempo informarem trajetórias distintas para atletas de elite em um mesmo ano demonstra que as condições de profissionalização são diversas, a depender de clubes e regiões do Brasil. Isso levanta a atenção para pesquisas futuras sobre os rumos e sentidos da profissionalização nos distintos estados do país. Ademais, por essa razão, o cenário brasileiro ratifica o que vem sendo observado em outros países de uma profissionalização particular e uma possível dependência do futebol de homens.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. UFSC, Florianópolis, 2018.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista, **Cadernos Pagu** (dossiê *O gênero da política: feminismos, estado e eleições*), p. 13-56, 2014.

ANDERSSON, Rebecca; BARKER-RUCHTI, Natalie. Career paths of Swedish top-level women soccer players. **Soccer & Society**, v. 20, n. 6, p. 857-871, 2019.

BARLEM, Cíntia. Corinthians anuncia fim da parceria com Audax e terá time feminino próprio em 2018, **Ge**, 2017. Disponível em: <https://shre.ink/9m6Q>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BARREIRA, Júlia; MAZZEI, Leandro Carlos; DE CASTRO, Flavio Denardi et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para as políticas públicas. Curitiba: CRV Editora, v. 1, p. 29-44, 2020.

BORGES, Danilo. Libertadores, Brasileirão e Copa Brasil Sub-17 movimentam o futebol feminino, 2013. Disponível em: <https://shre.ink/9m6V>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRAIS, Rafael. Ministério do Esporte cria grupo de trabalho para debater futebol feminino no Brasil, 2012. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hrxGU>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRANDT-HANSEN, Marianne; OTTESEN, Laila S. Caught between passion for the game and the need for education: a study of elite-level female football players in Denmark. **Soccer & Society**, v. 20, n. 3, p. 494-511, 2019.

BRASIL DE FATO. CBF cobra mais direitos para atletas do futebol feminino. **Brasil de Fato**, Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/stu02>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRYAN, Amée; POPE, Stacey; RANKIN-WRIGHT, Alexandra J. On the periphery: examining women's exclusion from core leadership roles in the "extremely gendered" organization of men's club football in England. **Gender & Society**, v. 35, n. 6, p. 940-970, 2021.

CÔTÉ, Jean; ERICSSON, K. Anders; LAW, Madelyn P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2005.

CULVIN, Alex. Football as work: the lived realities of professional women footballers in England. **Managing Sport and Leisure**, p. 1-14, 2021.

CULVIN, Alex; BOWES, Ali. Introduction: women's football in a global, professional era. **Women's football in a global, professional era**. Emerald Group Publishing, 2023, v. 1, p. 1-16.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. UFRGS, 2005.

FIFPRO, World Players' Union. **Global employment report**: working conditions in professional women's football. Hoofddorp, Netherlands, FIFPro, 2017.

FIFPRO, World Players' Union. **Raising our game report**, FIFPro, 2020.

GOMES, Gabrielle. Bahia suspende futebol feminino até abril e dispensa jogadoras: "Estamos acabadas", relata atleta, **Ge**, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/itOQU>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GRYGOROWICZ, Monika; MICHALOWSKA, Martyna; JURGA, Paulina; et al. Thirty percent of female footballers terminate their careers due to injury: a retrospective study among polish former players. **Journal of Sport Rehabilitation**, v. 28, n. 2, p. 109-114, 2017.

HARRISON, Grace E.; VICKERS, Emma; FLETCHER, David; et al. Elite female soccer players' dual career plans and the demands they encounter. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 34, n. 1, p. 133-154, 2020.

JACOBS, Josephine C. Programme-level determinants of women's international football performance. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 5, p. 521-537, 2014.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2015.

PASSARINHO, Nathalia. Dilma recebe Marta e promete maior ‘atenção’ ao futebol feminino, **G1**, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/przY9>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PFISTER, Gertrud. The future of football is female!?: on the past and present of women’s football in Germany. **German Football**, Routledge, 2006, v. 1, p. 93-126.

RYBA, Tatiana V.; STAMBULOVA, Natalia B.; RONKAINEN, Noora J. et al. Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 125-134, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOUZA, Ana Claudia Ferreira; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a prática**, v. 21, n. 1, 2018.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. Tese (Doutorado em Educação Física e Sociedade), UNICAMP, Campinas, 2013.

WILLIAMS, Jean. An equality too far? Historical and contemporary perspectives of gender inequality in British and international football. **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, v. 31, n. 1, p. 151-169, 2006.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 11 jul. 2023.